ANO II — Lisboa—Terça-feira 30 de Julho de 1918 — N.º 428

a Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João R. Santos

Telefone: C. 1038

D. João VI no Parlamento

Primeiramente o sr. conselheiro Aires d'Ornelas, falou sobre o Brasil, num discurso, cujo extrato publicariamos se uma absoluta falta de espaço nos não impedisse de o fazer.

A seguir tomou a palavra o sr. dr. Amancio d'Alpoim pretendendo contestar certos factos historicos e politicos. Depois levantou-se o sr. dr. Lobo d'Avila e Lima. Com o seu temperamento literario saube dar vida e beleza a tudo quanto disse, mostrando o seu largo saber e a justeza das suas apreciações.

Seguiu-se-lhe o sr. Fidelino de Figueiredo que discorda dalgumas afirmaãões ali feitas.

O sr. dr. Campos Monteiro depois das saudações, entra na ordem do dia. Declara a sua grande simpatia pelo Brazil e encara-o sob o aspecto da psicologia do seu povo,

O seu belo discurso foi a todo o momento interrompido com vivos aplausos.

E seguiu-se-lhe o nosso redactor principal, sr. dr. Antonio Sardinha, que, respondendo ao sr. dr Amancio Alpoim, explicando-lhe, com os seus excecionais conhecimentos de historia, a verdade dos factos sobre a partida do sr. D. João VI para o Brazil, proferiu, com todo o seu fogo de orador, um admiravel discurso.

Segundo as notas que tomamos, o dr. Antonio Sardinha disse mais ou menos o seguinte no seu caloroso improviso:

«Ao falar pela primeira vez no Parlamento, não quero faltar ao costume desta casa, saudando o sr. dr. Nunes da Ponte, adversario leal e intransigente, cuja vida publica é um alto exemplo de civismo. No logar do senhor Presidente, está o sr. dr. Lino Neto, a quem bem cedo aprendi a admirar, pois, mestre preferido da minha mocidade, foi Sua Excelencia quem me ensinou o amor do municipio portuguez, de que tem sido um verdadeiro e incansavel paladino. Para Sua Excelencia vão todas as minhas melhores palavras.

Não contava erguer hoje a minha voz. Se o faço, é para me associar como portuguez e como novo entre os novos da minha terra, á homenagem prestada ao Brazil, que é um segundo Portugal, o Portugal de alem-mar, a nossa segunda Patria. O patriotismo não consiste apenas na opinião pessoal que cada um possa ter sobre a historia do seu país. «Quando se não pensa como os nossos antepassados pensaram, saibamos ao menos venerar o espirito que iluminou a sua obra.» Mandando-se enterrar catolicamente, assim definia o patriotismo o grande mestre que foi Fustel de Coulanges. Tenhamos bem presente na nossa memoria essa sintése e admiravel que nos dá a ideia segura do que é realmente a Patria.

Não me sobeja o tempo, nem quero desobedecer ao pedido do senhor Presidente, fixando para cada orador os limites do prazo regulamentar. Mas consinta-me V. Ex.ª que nos poucos minutos de que disponho para falar, afirme e sustente bem alto que a retirada del-rei D. João VI para o Brazil foi um facto da historia de Portugal, de que em absoluto dependeu a integridade da nossa autonomia!

Já de ha muito que no Brazil se encontrava o abrigo longinquo dos nossos destinos. Assim, quando Castela estendeu a sua pata de ferro sobre Portugal, D. Pedro da Cunha apontou ao Prior do Crato o Brazil como o reducto invencivel da sua resistencia. Num momento dificil o Padre Antonio Vieira o judicaria a D. João IV. Mais tarde, no seculo XVIII D. Luiz da Cunha, um dos nossos mais ilustres diplomatas, aconselhava a transferir-se para o Brazil a cabeça, a séde da Monarquia Portuguêsa. E no meu proposito basta-me acrescentar que, durante o luta chamada do «*Pacto de Familia*» que uniu os Bourbons contra a Inglaterra, o Marquês de Pombal chegou a ter preparada a fróta que ao Brazil devia levar el-rei D. José. Em cartas suas, hoje publicadas, o Marquês orgulha-se desse acto como um dos maiores da sua carreira de estadista.

Correspondia, pois, a retirada para o Brazil,—e não a fuga—ao patrimonio politico da nossa nacionalidade. E não imagine a camera que essa retirada foi um expediente tomado á ultima hora, na turba-multa do panico. Já em setembro de 1807 a semelhante respeito se havia realisado com Inglaterra um acordo, a que Luz Soriano com documentos se refere.

E Pitt, o grande Pitt, a alma da resistencia lusitana contra Napoleão, ao saber que D. João VI estava a salvo, pronunciou no parlamento inglês um memoravel discurso, em que se salientava o largo alcance para a Europa da resolução do nosso calumniado monarca.

D. João VI, rodeado pelo partido francês,—pelo partido da neutralidade paga a peso de oiro, desconhecia inteiramente o avanço das tropas de Junot. (*Nesta altura, entre sussurro da maioria, estabeleceu-se uma pequena troca de apartes*). Dizia eu, senhor Presidente, que D. João VI ignorava a entrada das tropas de Junot,—o que bem se pode verificar por um trabalho que o autorisado escritor militar, senhor coronel Christovam Ayres, acaba de dar á estampa. Aludo ao *Diario de Junot*, cujo original se conserva na Bibliotéca da Ajuda. Por si se vê o conluio que envolvia o Rei, entregue pelo seu ministerio, na pessoa de Antonio de Araujo e Azevedo, aos designios traiçoeiros do invasor. D. João VI, prisioneiro, seria a scena de Bayona com a familia-real espanhola abdicando em Napoleão. Na sua retirada para o Brazil D. João VI salvava com a independencia da dinastia a independencia da Patria. Não abandonou, nem mesmo assim, o territorio nacional, pois de forma nenhuma quis aceitar o oferecimento que lhe fez a sua nau o almirante inglês, conservando-se sempre debaixo do nosso pavilhão a bordo dum barco nosso. E uma vez no rio o seu manifesto de Maio de 1808 lança as bases da futura coligação que derrubaria o colosso napoleonico.

Não vou alongar-me mais sobre este ponto que julgo suficientemente esclarecido. Mas é meu dever levantar aqui a luva atirada contra El-Rei o Senhor D. Carlos, ao fazer-se crêr que, na sua aproximação com o Brazil, ele foi apenas o politico do seu interesse dinastico. D. Carlos, procurando apertar cada vez mais as relações de Portugal com o Brazil, mostrou a Portugal inteiro que esse era o verdadeiro caminho para uma duradoira supremacia mundial. Precisamente, porque procurava honrar e servir a sua dinastia, é que El-Rei D. Carlos honrou e serviu o seu país. Tal é a virtude a Monarquia! Leva naturalmente o interesse pessoal do dinasta, ainda que não seja senão pelo seu egoismo, a desposar o interesse superior da nacionalidade, a que preside.

Não é isto, como comentou o deputado da maioria, senhor Fidelino de Figueiredo,—não é isto, senhor Presidente, de maneira alguma imprimir á historia um sentido tendencioso. E' antes responder aos que, na sua propaganda sectaria, na sua sanha jacobina, denunciavam a Monarquia como a causa unica da decadencia de Portugal. Ha, efectivamente, as qualidades estruturaes da raça. Mas sem o Estado para lhe atribuir finalidade e consciencia, o que é em si, na sua actividade tão sómente instintiva, o facto natural,—Nação?

Ao ouvir o senhor Fidelino de Figueiredo, no seu amor pela idéa pura, pelo conceito abstracto, tive a impressão de que era Kant quem falava.

Ao contrario do que S. Ex.ª entendeu asseverar, existe bem um *protecionismo de inteligencia*, que é uma razão de ser inviolavel para os povos e para as nacionalidades. Demonstram-n'o em relação á Prença os inqueritos celebres de Agathon e de Pierre Lasserre sobre a influepcia do germanismo na Sorbonne.

Ninguem, deste lado da Camara, pensou por isso em fazer da historia uma bandeira de partido. Ninguem pretendeu sujeitar as idéas e os conceitos a um criterio estreito de facção. Mas não abdicamos do direito de verificar na historia e nos seus dictames o reconhecimento de todas aquelas condições de vida e prosperidade, sem a guarda das quaes um país não pode mais subsistir.

Convença-se a Camara de que a nossa politica não é uma politica de bando. Nós não somos aqui um partido que se quer impôr á nação. Somos simplesmente a afirmação de que para lá das soluções transitorias, dos remendos passageiros, um principio se mantem, firme e intacto, —o principio que creou a Patria e não desespera de a salvar. Esse principio acha-se de pé e com ele é que Portugal se encontrará, quando, desiludido de ficções funestas e de miragens tentadoras, regressar enfim ao rumo tradicional da sua vocação historica.

Senhor Presidente, tenho dito!»

Ao terminar, foi o dr. Antonio Sardinha calorosamente felicitado pela minoria monarquica. Inscrito desde o dia 23 para liquidar na Camara a explorada mistificação do seu germanofilismo, não lhe tem sido até hoje possivel usar da palavra nesse sentido. Pé lo hontem na inscrição especial sobre o Brazil, ao vêr a historia patria deturpada pela frase engomada, de trémulo na voz e mão no peito, do sr. Amancio de Alpoim.

Sem preparação, deixou as acusações da maioria desfeitas em nada. Choveram, é certo, os dichotes, os sussurros, na impossibilidade manifesta de se contraditar a verdade, exposta com tanto vigor e com tão aquecido entusiasmo. Não procura o dr. Antonio Sardinha triunfos parlamentares. Sabe o que são as assembléias, quanto vale o seu espirito gregario. No emtanto, o dia de hontem ha de ficar-lhe na memoria como a lembrança duma refrega em que sustentou com galhardia os direitos sagrados da nossa historia.

*

Tambem no Senado o nosso querido amigo dr. Xavier Cordeiro, se associou á homenagem prestada ao Brazil, ressaltando o valor da obra de D. João VI. Amanhã daremos um apanhado das suas brilhantes palavras.

O senhor Fidelino

Ontem na Camara o senhor Fidelino parecia que vinha de Genebra com o seu ar de pastor protestante. Nunca se viu ar de pastor mais professoral, mais um racionalismo mais professoral, mais burocratico, do que esse de S. Ex.ª, ao declarar por detrás dos oculos de aro de oiro não sei que referencia ao seu *aparelho critico*. A frase não é nossa. E' do senhor Fidelino, que se está tornando cada vez mais um simbolo. Tem uma revista que se diz de historia, é socio das fitas e harmonicas de Itapitaninga e do Ceará, e fez-se doutor a sí mesmo. Conhecem-n'o certamente. Pois registam lá mais esta:—a do *aparelho critico*. Naturalmente encontra-se á venda na sua antiga loja de candieiros e mais artigos de iluminação. Quanto é que custará?

Dr. Campos Monteiro

Fez ontem a sua estreia este ilustre deputado monarquico. Poeta e jornalista, o dr. Campos Monteiro marca um temperamento superior no nosso meio. Tivemos o prazer de o ouvir na Camara, apreciando mais esse aspecto do seu belo espirito. As nossas felicitações mais calorosas.

A proposito de nada

Liborio, padre Ambrosio, Chinoca, Selidonia e D. Estefania

Sim... a maioria do publico não compreende. Liborio é apenas o indolente e timido doidivanas que não sabe o que quer, compromete tudo, não está bem em parte alguma e apenas apetece viver uma doce vida na doce quentura das saias. Padre Ambrosio... talvez uma figura pitoresca e bondosa, d'abade lá das serras, retratado no barro das Caldas ou creion do Leal. Chinoca uma caricatura de farmaceutico aldeão, com drogas republicanas metidas na cabeça—uma especie de cidadão *Homais*, sem esposa, sem filhos, sem tratados, suciando pausudamente com á republica e os amigos, e n frente do vinho e das cavacas servidas pela boa moçoila. Selidonia uma pacovia saloia que a D. Estefania atrapalha, E D. Estefania o pretesto para capitulos dum afrodisismo rafiné, capaz de habilmente quebrar a monotonia do fundo camponio de todo o Livro.

Não entenderá o verdadeiro significado de cada uma destas personagens (pequenas de resto na maior parte, se as considerarmos apenas como tipos); a influencia que as quatro exerceram, conjunctamente com todo o meio ambiente apresentado, no fundo da multipla impreciosabilidade da alma do Liborio — e o resultado dessa influencia.

Eu já falei largamente disto e de muito mais, consi erando o livro sob varios aspectos, num artigo que entreguei ao Nuno Simões. Mas o Nuno saiu. Não sei o que é feito desse artigo—e cho que devemos ao Romance do Aquilino o pequeno serviço de não deixarmos de erguer a altura que merecem ás suas cinco figuras dominantes (Dominantes não porque desempenhem tecnicamente—áparte o Liborio e o padre Ambrosio—um grande papel na cação e movimento do livro, que, de resto, como livro de memorias de senarios e estados d'alma correspondentes, só tem conflitos intimos. Dominantes pelo seu alto valor como simbolos.

Leiam v. cuidadosamente o Romance, meditem-no, colham-no em conjunto—e reparem:

Liborio é o que todos nós mais ou menos fomos, no tempo da Monarquia quando tinhamos a idade dele. A'parte pormenores insignificantes todos nós duma forma ou doutra desejamos brutaliser a familia que nos tiranisava e nos não compreendia; todos nós insultamos ou desejamos insultar padres—sem saber, bem ao certo, porque; todos nós amamos uma Selidonia e desejamos uma D. Estefania; todos nós desprezamos os conselhos dum sr. Padre Ambrosio que sempre estimamos muito e seguimos, sem saber porque qualquer chinoca. Liborio é a representação de toda a vida portuguêsa do momento historico que o livro estuda.

Padre Ambrosio — erguido por um simples processo de idealisada sintese de perfeitas qualidades de bom-senso, bondade, inteligencia e saber—avulta a nossos olhos, ganha a fórma do Passado que todos estimavam e consideravam — que viva inalteravel mas inutil, porque ninguem o segue, porque nem já o proprio discipulo acredita nele.

Selidonia—para mim a mais tocante figura de todo o Livro, e a mais difícil de dar—é a flor das flores serranas — silencio de tarde de outono e primeira tinta de madrugadas de maio—perfume orvalhado e singelo que encanta e chama sem perturbar todas as tentencias atavicas de Liborio para a realisação de uma felicidade calma—em luta aberta com a D. Estefania — flor caprichosa, estenuante de colorações exoticas e perfumes adoravelmente preversos, criada por processos de estufa—que pela sua novidade e pela sua nobreza lhe sacode os sentidos, o envaidece e atrai, prende e desvaira a imaginação na propria tortura de a não compreender.

Chinoca... é o futuro a que o Liborio que lança, sem o raciocinar sem profundamente crêr nele, sentindo apenas na retorica das palavras que mal ouvia como que o estontenamento e a sedução do fumo e das labaredas dum grande incendio.

E compreendido assim o Romance, sob este aspecto, nitidamente vemos — dum lado o padre Ambrosio e a Selidonia; do outro a D. Estefania e o Chinoca; e o Liborio, como uma arvore de fracas raizes tronco debil e larga copa, batido por vendavais contrarios, oscilar entre eles numa tortura até que, por fim, uma rajada mais violenta lhe precipita para longe a ramaria deixando na terra as raizes que... que otempo engrossará.

Séve de Oliveira

Porque será?...

Vimos hontem á tarde o sr. Camacho. Já taciturno e de cabeça baixa, como que vergado ao pêso duma grande angustia...

Que desgosto profundo teria sofrido o nosso Marat do Calhariz?

—Terá recebido guia de marcha para a guerra?

—Morreria a *sua tão querida palitetra*, amorosamente evocada quando da assuada do Porto?...

—Ou será simplesmente por vêr a sua fama de *Intelectual* para sempre destruida na simples anotação dum plagiato consciente?

Pômos este quebra-cabeças á paciencia dos leitores. O que conseguir adivinhar, receberá em troca um mimoso sabonete daqueles que o sr. Camacho costuma usar... d'ano a ano...

Dama, valete e rei

Afinal, o sr. Sidonio Paes e a sua côrte não ocupam no Castelo da Pena os antigos aposentos reaes. Ora ainda bem!

Legitimidades

Parece que a «Arte de Furtar» do padre Antonio Vieira anda de mão em mão, sendo consultada diariamente pelos nossos conspicuos politicos.

O *Bem de familia* do sr. Antonio Macieira é uma tradução mal feita o francês; a novissima reforma dos Caminhos de Ferro do sr. Machado Santos é uma peior tradução de um decreto francês renegado, um trecho do sr. Brito Camacho publicado ha dias na «Lucta» e de Blasco Ibanez ou de Carbassaul...

Perante tanto conto de vigario pergunta-se:

—De quem é a peruga do sr. Egas Moniz?

O Sr. Presidente discursa...

Causou viva sensação o discurso do sr. Sidonio Paes ao inaugurar a sopa economica em Alges. A maneira como se referiu ao *partido nacional republicano*, dizendo-o *composto por uma pequena minoria de individuos* surpreendeu toda a gente... a começar talvez pelo tal partido...

Veremos a sua atitude perante uma tal afirmação que diz exactamente o contrario do que *todas* as folhas *governamentaes* pretendem fazer crer quotidianamente...

Aguardamos os factos... e só depois falaremos...

ATLAS
Companhia de Seguros
SÉDE:—Rua do Crucifixo, 49

Já é preciso!...

Todo babadinho de prazer transcreve o orgão do sr. Antonio José os insultos que Homem Christo nos dirige a proposito dum suelto aqui publicado.

Mas, o que tem mais graça é que Homem Christo não retira nem se arrepende dos insultos que dirigiu ao homem do archote...

Diz apenas que agora está unido por causa do interesse nacional! (Gostariamos que nos dissessem o que tem o interesse nacional com estas miserias...)

Mas, os insultos ficam. Antonio José continua a ser para ele *um pulha de bem*.

E a *Republica* aplaude ás mãos ambas esta classificação. Já é preciso...

"O Problema do Pão"

Como estava anunciado, o nosso querido amigo e camarada, Dr. José Pequito Rebelo, realisou ontem a sua conferencia sobre o problema do pão, na sala nobre da Associação da Agricultura Portuguesa.

Presidiu o sr. dr. Fernandes d'Oliveira, ilustre secretario de Estado da Agricultura e distincto lavrador, que no principio e no fim da sessão teve palavras do mais alto louvor para o talento e para a competencia profissional do nosso ilustre amigo.*

E'-nos difícil, senão inteiramente impossivel, acompanhar a exposição do Dr. Pequito Rebelo, tão cheia de observação, tão rigorosa nas suas deduções, orientada sempre por um criterio pratico em que a eloquencia dos factos e dos numeros se substituiu á facil e corrente oratoria de comicio com que as mais graves questões economicas costumam ser tratadas.

Expôz o seu modo de ver relativamente á crise nacional da hora presente, analisando varios factores de decadencia e concluindo por mostrar que só no fomento agrario é possivel encontrar os meios de salvação.

Fazendo um escorço historico da economia portuguêsa, salientou a obra grandiosa dos Reis Afonsinos, na colonização e povoamento das terras conquistadas, as suas medidas de providencia agraria, como as sesmarias, abustaçarias e outras, combateu vivamente o esforço destuidor da economia liberalista com os decretos desorganisadores de Mousinho da Silveira, demonstrou alguns erros de economistas celebres, principalmente de Basilio Teles e Antero d'Andrade sobre a enfiteuse e o latifundio, terminando por expôr os resultados obtidos com a aplicação do *método integral*, preconizado no seu notavel livro—*Novos Metodos de Cultura*, lendo a tal proposito algumas interessantes comunicações.

Por ultimo, congratulando-se pela criação da Secreteria da Agricultura e do Conselho Economico Nacional, exprimiu a opinião do que em cada zona cultural do país residisse um tecnico, como delegado do poder central, investido de amplos poderes, que promovesse o progresso das diversas culturas e vigiasse de perto os seus resultados.

«*O Problema do Pão*» vai ser publicado em volume e estamos certos do interesse que na numerosa classe agricola ha de despertar a sua leitura. Podemos ainda afirmar que esta conferencia constitui um trabalho notabilissimo sob todos os aspectos e que bastaria para afirmar a reputação de um economista, se o Dr. Pequito Rebelo não fôsse já uma das mais ilustres competencias da lavoura nacional.

Abraçamos com o maior jubilo o nosso querido amigo e companheiro de combate, na hora em que ele acaba de escrever mais uma pagina gloriosa na pequena historia do *Integralismo Lusitano* que o conta orgulhosamente entre as figuras que mais o enobrecem e prestigiam.

Amanhã publicaremos em lugar de honra, um exerpto do *Problema do Pão*.

* Serviram de secretarios os sr. José Reivas e Fernando Vanzeller Palha.

A questão do nacionalismo racico

IV

O fundo da controversia

Lido o folheto sobre o *Nacionalismo racico*, nós verificamos a cabo a miseria dessa baixa tentativa de erudição falsificada em que se não toca, sequer de longe, a tese do livro que o autor pretendeu aniquilar. A solução do problema etnico, enquanto se refere á existencia duma raça insitana, de indole e caracteristicas especiais, não foi discutida nem analisada nas setenta e tantas paginas do ruidoso opusculo. E essa tese constitue o centro da obra do nosso querido amigo sr. dr. Antonio Sardinha. Provada e mais que provada a sua existencia, constatada scientificamente, com uma documentação exuberante, é um excepcional poder critico, não se atreveu a impugna-la o publicista que subscreve a brochura sobre o Nacionalismo Racico. Perdeu-se por isso em divagações, umas estereis e alheias á materia absolutamente, outras que só de muito longe se referem e indicações subsidiarias, incidentais d'*O valor da raça*.

Fica absolutamente de pé, folgamos em insistir neste ponto, a demonstração da rialidade Raça, escrupulosamente feita nas paginas desse livro, sobre os documentos fornecidos pela prehistoria portuguêsa. Não se abalançou o critico a contestá-la, apezar da sua tão reclamada bagagem scientifica, e limitou-se a bordar considerações á margem, todas elas mais ou menos desprovidas de senso comum, testemunhas eloquentes de afincadas horas de improbo labor, gastas de seguida sobre as folhas de couché do *Nouveau Larousse illustré*.

Porque, aqui entre nós, toda a superioridade do folhetinista do *Nacionalismo Racico* consiste nestas cousas simples: tu lido o suplemento do *Larousse* (*couverture jaune*), num país aonde quasi toda a gente se contentou com a edição antiga, a solida e substancial edição que tem já bons trinta e tantos anos e que ainda hoje é a obra mais consultada pelos adolescentes primeiros da sciencia que frequentem a Biblioteca do largo da dita.

Essa superioridade enorme é que nós não pensamos sequer em disputar-lhe, confessando aqui muito lialmente a nossa admiração e o nosso assombro, perante cabedais tão serias de erudição seculo-vintica como costumam dizer os mocinhos da geração novissima.

Mas o grande defeito desta cultura unilateralista, o perigo principal do *larousismo* é deixar os seus cultores absolutamente desarmados quando se trata dum problema que o dicionario não ventilou. E foi o que sucedeu ao padre, nesta infeliz e nunca assaz deplorada contravesia do nacionalismo racico.

Coisa analoga me lembra a mim ter acontecido a um colega meu, nos exames de frequencia de ano de calouro, tendo de escrever sobre as restrições de capacidade nos primeiros tempos da monarquia portuguêsa, rapou das cabulas, passadas ao contrabando e exibiu largos e profundos conhecimentos da situação das esuavas e das mouras. A respeito de judeus é que nem uma palavra. Interrogado num exame oral sobre o motivo extranho dessa comissão, o rapaz respondeu desempenadamente: é que os judeus não estavam no mesmo papel, senhor doutor!

E nós cá ficamos esperando á mesma resposta do quixotesco escriba do *Nacionalismo racico*, porque, não temos duvidas em assegura-lo, o problema etnico português não está com certeza tratado no mesmo... *Larousse*.

E assim nós compreendemos o motivo porque, em vez da critica proficiente e grave do fundo da questão, se encontram apenas no tal folheto repas disparatados acerca da antiguidade do Homem, de Atlantida, e da teoria transformista, pontos apenas incidentalmente versados n'*O valor da raça* que o formidavel publicista jurou reduzir a pó, cinza e nada, á força de contrasensos scientificos e de graçolas tolas.

Quasi não valia a pena discutir estas materias que não brigam com a tese do livro. Apezar disso não queremos que eles fiquem sem resposta, e o detractor do misticismo etnico todo inchado de contentamento.

O problema da Atlantida

Comecemos por aqui. Determinado o factor etnico, verificada a sua constancia e o seu dinamismo, estabelecem o auctor d'*O Valor da raça* a hipotese atlantica da nossa origem, atribuindo a uma migração de tribus ocidentais o povoamento da região mediterranea, cuja civilização encontrou o mais alto grau da sua expressão artistica em Micenas e Creta.

Será ou não legitima esta presunção? Será ou não admissivel a existencia desse continente de misterio, dessa terra de lenda e maravilha de que antigos textos guardam a tradição? A este ponto se reduz o problema.

Platão foi o primeiro a registar a lenda da Atlantida e dos seus habitantes —os Atlantes, o povo que habitava uma terra para já das Colunas de Hercules e que daí se estendera pela Africa e pela Europa, avassalando as suas primitivas povoações. Em Theoponyro aparece, com ligeiras variantes, a mesma historia do continente desaparecido. Lendas egipcias e lendas gaulezas se sobrepõem harmonicamente, conservando a memoria dum grande cataclismo vulcanico que teria destruido o referido continente, numa hecatombe formidavel. A concordancia da tradição já é de si um argumento importante a abonar a hipotese da Atlantida, mas de si insuficiente para se formularem presunções serias, bem que dia a dia a sciencia vá justificando os velhos mitos etnicos, descortinando a rialidade oculta na simbolica primitiva.

Nestes termos se põe a questão: permite o estado actual dos nossos conhecimentos scientificos concluir a favor da existencia da Atlantida?

Conforma-se com a tradição recolhida pelos auctores classicos e depoimento da geologia, da oceanografia, da botanica e da zoologia? E' o que nós vamos agora examinar.

Tem a palavra a zoologia

Um naturalista distincto, Louis Germain trouxe dados valiosissimos para a resolução do problema.

Acentuou o ilustre zoologista o caracter continental da fauna malacologica dos arquipelagos dos Açores, da Madeira, das Canarias e de Cabo Verde, ligida intimamente e com numerosissimas rela-

«Districto de Portalegre»

Recebemos hoje a visita deste nosso presado colega da imprensa, com o qual vamos gostosamente permutar.

Já cá temos «soviets»?...

Lá para os lados da Régoa anda aceso o espirito *sovietista*... Chegam-nos noticias de repetidos assaltos a estabelecimentos, apesar da intervenção da força publica que tem feito alguns mortos e feridos.

Mas, o mais grave de tudo isto é que os promotores da desordem são exactamente autoridades deste governo — que deviam ter todo o interesse em evitar agitações!

Esperamos que da parte do governo se evidencie um pouco de bom senso, castigando as autoridades que tão criminosamente procedem.

Se o não fazem desde já... talvez depois seja tarde...

A Cruzada...

O nosso colega o «Diario Nacional» publicava ontem o seguinte:

Uma especulação?

Leem-se frequentemente nos jornaes—e tambem nós, por condescendencia, lhes temos dado guarida—umas notas duma chamada «Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira», com que se anda a profanar o nome e a memoria do Santo Condestavel, admitindo ao seu culto todo o bicho-careta, por maior que seja a sua incapacidade para compreender e venerar, á verdadeira luz, aquela gloriosissima figura da Historia de Portugal e da Religião Catolica. Agora até meteram na sociedade o sr. Antonio José—o auctor da celebre torrente de disdates profe-ridos ha dois anos á porta da Batalha, precisamente a proposito de Nun'Alvares e de Aljubarrota!

Por outro lado envolvem nesta quasi sacrilega embrulhada nomes de pessoas que nada teem com ela, como aconteceu com o nosso ilustre amigo sr. dr. D. Tomaz de Melo Breyner, que nos dia aparecer feito vice-presidente da tal «Cruzada» sem ter sido a tal respeito ouvido nem achado.

Julgamos dever precatar os nossos amigos contra similhante chafarica que não deve passar duma especulação... a não ser que seja apenas uma ficticia, o que não vale muito.

Dr. Lobo de Avila Lima

Fez a sua estreia na Camara dos deputados este nosso prezado amigo. Caldratico ilustre, a sua competencia é conhecida como jurista, possuidor de mais a mais dum autentico temperamento literario. A Lobo de Avila Lima as nossas calorosas felicitações.

Sève d'Oliveira

Colaborador literario d'*A Monarquia*, o nosso querido amigo sr. Sève de Oliveira consegrou ultimamente ao parlamento uma crónica que levantou certos reparos do nosso colega *A Situação*. Como essas notas de impressionista se não póde atribuir qualquer significado ou intenção de baixa intriga política ou de ofensa pessoal, e ele é simplesmente dentro do que faz o artista que sente, ele dirá o que entender na *Monarquia* de ámanhã, pois que de fórma alguma supômos possivel que se consiga atribuir com propositos aviesceiros quaisquer responsabilidades ao incidente.

«No regimen do aparte»

Esfrega hoje as mãos de contente o nosso colega *Situação* satisfeitissima porque, ao que parece, o seu imberbe director botou figura na sessão de ontem na Camara dos Deputados, sam aparte notavel com que pontuou algumas das afirmações do nosso redactor-principal. Pretende a *Situação*, que este nosso ilustre amigo balbuciou apenas algumas palavras da resposta.

Pobre *Situação*! Pobre alferes feito empresario de apartes! Estragaram-no. Porque nós nunca vimos desanamorar tão bem empregados!

Só nos faltava agora o impavido mocinho, e atormentar-nos o intendimento! E isto depois da eloquencia pronografica do *aparelho critico* ao sr. Fidelino, e dos *mais grandes* reptos oratorios do sr. Cunha Leal!

Com o sr. Botelho Moniz entrou em scena a rapazinada... e com rapazes nem o diabo gosta de tocar... O que diremos nós que somos tão bons cristãos?

ções de contacto com a fauna da região polearctica, sobretudo da bacia do Mediterraneo.

De singular importancia é principalmente, nessas ilhas, a representação dos pulmonados da familia *Oleacinidae*, com tipos especificos semelhantes aos da Europa meridional. Aduz ainda Louis Germain, em defeza da tese do Atlantica argumentos de ordem varia, tais como a identidade de quinze especies de moluscos marinhos do Senegal e das Antilhas, e o facto apontado por Charles Gravier, um dos mais distinctos *aide-naturalistes* do Museum, no seu estudo sobre os madreporarios de S. Tomé, publicado nos anais do Instituto Oceanografico, patrocinado pelo alto espirito scientifico de S. A. S. o Principe Alberto I de Monaco, a cuja iniciativa admiravel deve a oceanografia algumas das suas mais belas paginas.

E Luis Germain conclue por uma fórma clara e incisiva, numa importantissima comunicação á Academia das Sciencias de França e publicada nos seus *Comptes rendus*, referentes á sessão de 20 de novembro de novembro de 1911. Nessa nota *sur l'Atlantide* deparam-se-nos estas palavras do illustre zoologista:

«*Dos factos que acabo de ex,or rapidamente julgo poder concluir que os Açores, as Canarias, a Madeira e o Archipelago do Cabo Verde, outrora reunidos, constituiam uma area continental que era o Atlantida.*»

E, continuando a demonstração das suas affirmações, Louis Germain insiste:

«*A Atlantida submergiu-se muito mais recentemente do que o continente africano brasileiro, de tal modo que a formação do Oceano Atlantico deve ter-se effectuado em varios tempos, correspondendo respectivamente ao afundamento do continente africano-brasileiro e ao da Atlantida.*»

Tal é o depoimento da zoologia que a sciencia geologica vem reforçar valiosamente.

Depoimento da geologia

Nas sessões de 8 e de 30 de Maio de 1910 da Academia das Sciencias de França, apresentou o illustre professor da Sorbonne, Louis Gentil, outrora chefe duma importante missão scientifica em Marrocos, duas comunicações interessantissimas para a paleogeografia, sobre os movimentos terciarios do Atlas Superior.

Louis Gentil aponta a relação entre os sulcilnais terciarios de cadeia do Atlas e os fundos do Atlantico que estabelecem a ligação com os terrenos de mesma idade e formação que nos apparecem nas Canarias. O esqueleto geotectonico destas ilhas demonstrou o seu parentesco ajustado com o continente libico, logo que foram connectidos pelos trabalhos de Pitard os sedimentos cretacicos de Las Palmas e da ilha de Ferro. Assim se figuram ao archipelago do Atlantico como os vestigios da grande cadeia terciaria submersa no Oceano, em virtude duma catastrofe sismica pavorosa, e de que a terra das Atlantes seria o derradeiro documento.

E por isso, Luis Gentil não hesita em escrever no seu livro *Le Maroc physique*:

«*Assim a Atlantida existiu, facto scientificamente verificado, se se abstrai da epoca em que ela se afundou, entre o Antigo e o novo Continente.*»

E aqui justamente é que reside o fundo da questão, insiste o illustre scientista francez:

«Mas admittindo que o continente atlantico se tenha submergido num só movimento, produziu-se acaso este afundimento num epoca contemporanea do homem e sufficientemente avançada da prehistoria, para que este cataclismo geologico tenha deixado de recordações transmittidas pela tradição até á aurora da historia? E neste ponto que se resume todo o problema da Atlantida e dos seus Atlantes.»

E demorando-se a analisar a constituição geologica do canal que separa as ilhas espanholas das sacalesas do Atlas marroquino, Luiz Gentil Gentil escreve terminantemente que considera o afundimento da Atlantida da data mais recente de que a abertura do estreito de Gibraltar.

Aqui justamente é que intervem a tradição da tremenda catastrofe transmittida de seculo para seculo, a valorizar singularmente o asserto do illustre geologo francez, opinião que é abonada pela observação da actividade vulcanica nas ilhas do Atlantico.

Mas um só documento deriva do exame das fases terciarias da peninsula iberica, cujas conclusões são expostas desta forma por Verneuil:

«Se se estabelecessem hoje estes lagos, evasiar-se-iam immediatamente; não poderiam subsistir, mesmo demolindo todos os acidentes e nivelando o terreno estes lagos, havíam de secar depressa, pois que a quantidade de agua evaporada numa superficie tão larga, seria muito maior do que a que poderiam receber.

«Donde procediam os rios que supomos? Não podiam vir de França porque os Pirineos já existiam no começo do mioceno, apresentando uma barreira absoluta a toda a communicação entre a Espanha e o resto da Europa, e por todos os outros lados a Peninsula estava rodeada de mares. A existencia destes mares supõe, portanto, outra configuração do nosso solo, supposição que recorda involuntariamente a Atlantida de Platão e que concorda com a opinião de Forbes de que em uma epoca recente a Irlanda estava, ou não unida com a Espanha, ao menos bastante proxima para haver recebido uma parte da sua fauna e da sua flora actuais.»

Ficou sufficientemente explanada a Tese da Atlantida. Serão ou não os argumentos apontados de ordem a permittir-nos estabelecer uma presumpção forte, a favor da origem atlantica da civilisação mediterranea, provada como fica a existencia do continente de que fala Platão nos seus dialogos, e que a tradição conservou. A sciencia ha-de vir ainda a determinar a epoca aproximada do cataclismo geologico, e então se verificará a intuição profunda com que n'*O valor da raça* se estabeleceu uma hipotese scientifica notabilissima, absolutamente defensavel no estado actual dos nossos conhecimentos.

Armando da Silva

A BEIRA
S. A. R. L.
Seguros Terrestres, Maritimos e Guerra, Greves e Tumultos
Seguros agricolas
Delegação de Lisboa:
Largo de S. Julião, 12, 1.º
Telefone C. 905

JUSTIÇA

De certo os nossos leitores já alguma vez terão houvido contar a historia que nós vamos repetir-lhes: quando veio para casa um cavalo novo e o criado que havia de trata-lo mostrou que tinha medo dele, o dono do cavalo demonstrou ao tratador a mansidão delé batendo-lhe por todos os lados e chegando mesmo a maltrata-lo. O criado perdido o medo, ficou tratando do cavalo, e foi com grande admiração que o dono viu entrar o criado, dias depois, com a cabeça partida a dizer-lhe que tinha sido o cavalo que lhe tinha dado um coice; nem o patrão queria acreditar, o que só fez quando o criado lhe explicou como lhe tinha feito cocegas na barriga na ocasião em que o cavalo comia a ração.

Mas quando o criado disse isto o patrão compreendendo tudo, disse-lhe immediatamente: *pois tu não sabes que não se toca na barriga de quem está a comer?*

Ao povo tambem é lhe aplicavel o conto. A vida tem encarecido assustadoramente, os ricos poderão viver; para os remediados a vida é muito dificil e para os pobres a vida está um horror.

Ora as gréves constantes, as frequentes tentativas de revolução, muito embora sejam instigadas pelos politicos exploradores, a sua razão de ser não deve deixar-se attribuir em parte as enormes dificuldades da vida que neste momento assoberbam as classes pobres, nomeadamente os paquenos funcionarios publicos e o operariado.

Num artigo nosso sobre a natalidade nós já dissemos que na nossa opinião para o paiz o *problema das subsistencias sobreleva em importancia ao proble a da guerra* como a saude dos nossos filhos é um problema que sobreleva o de lhes deixar fortuna.

No nosso paiz a morbilidade pela tuberculose tem augmentado enormemente; na propria provincia do Algarve não obstante o seu bello clima, a morbilidade pela tuberculose tem augmentado a passos agigantados e a não se encarar o problema das subsistencias com energia e decisão, nós caminhamos apressadamente para a morte da nossa nacionalidade que tantos sacrificios custou aos nossos antepassados e os nossos paes e avós não souberam conservar prospera a patria que lhes foi legada.

Felizmente os novos integralistas desejam remir os pecados dos seus paes e avós, pecados de que foi victima o grande Rei o Senhor D. Carlos, deixando aos seus filhos um paiz prospero que os seus paes não lhe souberam deixar.

E' incontestavel que a provincia do Algarve tem hoje um governador civil bastante energico, e honrado, embora isto custe aos que ele metem na ordem não os deixando ser acambercadores a sua vontade, é indispensavel porem que o governo lhe facilite os meios necessarios para que ele possa bem crear a vida, que se vae tornando insuportavel para o povo trabalhador.

O sr. Presidente da republica ao qual neste logar mais uma vez temos rendido o nosso preito, como a um homem incontestavelmente bem intencionado e intelligente quer infelizmente vestir ao paiz a farda da republica que não foi talhada para o seu corpo; grande erro foi que em cinco de Dezembro se não tivesse entrado abertamente numa dictadura militar, erro que tem dado logar a tantos desastres; agora terá o governo tanto quanto possivel de atenuar a crise das subsistencias.

Outra questão importante, a que já nos temos referido, é dos feridos da guerra pela tuberculose, que o Estadonão pode, nem deve sem grande injustiça revoltante abandonar a sua sorte, é indispensavel que eles sejam tratados, quando haja indicações, num sanatorio apropriado, que se pode improvisar como já dissemos, adaptando para este fim uma casa particular, e o local escolhido, podia ser por exemplo a serra do Malhão no Algarve.

Levou-nos a vir tratar outra vez esta questão, o facto de nós termos sido procurados um dia destes no nosso consultorio por um docente de Loulé tuberculose pulmonar curavel, com doença adquirida em campanha ao qual foi dado a baixa sem pensão de sangue nem qualquer assistencia da parte do Estado.

Urge que o governo tome providencias sobre o assunto que não torne incuraveis casos de tuberculose insipiente ainda curaveis, como já sucedeu a um amigo nosso com mulher e filhos, cuja vida podia ser util e si, a familia e ao paiz se o Estado tivesse cumprido com o seu dever, tratando-o convenientemente.

Recursos economicos para estas despezas devia o Estado ir busca-los aos lucros excessivos dos negociantes ou industriaes avaliando as suas fortunas, conde o inicio da guerra que estamos reclamando nos jornaes; não se comprehende o escandalo a protecção que o governo lhes dispensa, quando as familias dos nossos soldados tanto sofrem pela falta do chefe da familia.

Pelas razões acima expostas mais uma vez chamamos a atenção do governo para os dois importantes problemas da carestia da vida, e da assistencia aos feridos da guerra pela tuberculose.

E pelo que respeita á escolha da serra do Malhão para um sanatorio, acrescentaremos que este é um local tradicionalmente conhecido na provincia como dos melhores para o tratamento da tuberculose.

O que pedimos ao governo em favor do povo trabalhador bem como do nosso bravo exercito que tão brilhantemente se bate em França e na Africa, não é mais do que um acto de justiça que a todos nós se impõe—o dever de exigir dos altos poderes do Estado para que depois da guerra, possamos legar aos nossos filhos uma Patria prospera e florescente.

Faro, 15 de Julho de 1918.

José Filipe Alvares.

Palmyra Callixto
Tratamento de senhoras e creanças
Massagem medica manual e electrica
Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manicure.

Desarranjo mental?

Esta manhã appareceu caido na Avenida Nova de Chellas, um individuo cuja identidade não foi estabelecida.
Aparenta ter 35 annos de edade, estava em trajes menores e com graves ferimentos na cabeça e no rosto.
Foi conduzido ao hospital de S. José onde tem tratamento.
Parece tratar-se dum louco. Entretanto a policia está averiguando se ha crime.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Dizendo-se que a estrada Soissons-Chateau Thierry está interceptada, que Oulchy-le-Chateau está nas mãos do exercito de Mangin e Jaulgonne e Dormans nas de Mitry e que alem disso os aliados progridem para o norte do Marne, apertando cada vez mais a tenaz de ferro, que se fecha sobre La Fére-en-Tardenois e Soissons—está dito tudo...

Dito e tornado a dizer, por que vimos repetindo-lhe dois ou tres dias o mesmo *motivo*, com diversas *variações*.

Admitamos a peior das hipoteses para os alemães, isto é, que repelidos de posição em posição, se tem de ir empinar na região de Laon, Coucy e Noyon, mettendo de permeio, entre si e os seus adversarios, á guisa de fosso, o Aisne.

Admitamos que deixam nas mãos de Foch o planalto do Chemin des Dames, ainda outro dia, em 27 de maio, conquistado de surpreza aos soldados de Franchet d'Esperay.

Admittamos que o folego aliado dá para isso tudo. E depois?

Depois vem o inverno e com o tempo impropio para as operações actuaes de grande envergadura ficando tudo reduzido, afinal de contas, a *raids* mais ou menos audaciosos, a golpes de mão mais ou menos intensos, etc.

Em seguida volta a *patifa da primavera* e das duas uma, como dizia o amigo Banana:

—Ou são os alemães, que, refeitas as forças, se atiram para a frente, naquele movimento de vai-vem pendular, a que se refere Von Ardenne no «Berliner Tageblatt»—e então teremos novo arranco germanico e segundo todas as probabilidades, mais um recuo aliado, visto que nesta guerra se está provando á evidencia que *a primeira é sempre de quem dá*.

—Ou, então, são os aliados que, ganhando força moral e ofensiva e reforçados pela *carnica* fresca dos *yankees* se resolvem eles a investir primeiro.

Mais um recuo dos germanicos, sem duvida. Mas a sua definitiva retirada para alem do Rheno?

Talvez... mas duvidamos que a coisa se faça com essa facilidade, dado o espirito tenaz, organisador e guerreiro que o inimigo tem demonstrado. Quer dizer: cada kilometro de terreno conquistado custará milhares de vidas e levará talvez mezes a retomar.

Vemos a coisa com parcialidade? Não, nos parece porque o que são as organisações defensi as alemãs o dizem todos os jornaes aliados. E ninguem por outro lado nos pretenderá convencer que a potencia moral alema decrescerá assim num repente e dum instante para o outro. Isto é, dada mesmo a hir atese mais favoravel para os aliados, a retirada será morosissima e passo a passo. Como em 21 de março, em 9 de abril, em 27 de maio e em 9 e 15 de julho, um *arranco*, seguido de uma pausa. E as pausas cada vez mais de maior duração e os *arrancos* cada vez mais espaçados.

Seguindo o exemplo de Ludendorff, Maugin actuou tambem outro dia por *surpreza*. Isto é: *curou a ferida do cão com pelo do mesmo cão*.

Mas Ludendorff tantas vezes levou o cantaro á fonte que um dia... quebrou-o, e não surpreendeu ninguem, porque de facto ficou surpreendido.

Não devem pois os aliados contar muito, por seu lado, com o effeito das surprezas repetidas, porque lhes poderá suceder o mesmo que ao gatuno, que todos os dias enganava o macaco do padeiro, pondo as mãos nos olhos para roubar um pão de cima do balcão. Um dia chegou em que o macaco, farto de ser zurzido pelo dono, em logar de solicito prantar as mãos sobre a vista,... fechou antes a mão direita com energia e correspondeu com o celebre *gesto de arrietro* a que se referiu Camillo, se não laboramos em erro...

Agora, quem fez o *gesto* foi o generalissimo Foch, mas ámanhã póde repetil-o Hindenburgo, e nestas circumstancias será bom não tentar muito a sorte, porque a sorte da guerra é varia.

Em suma: guerra, segundo parece, a longo praso, sem que se veja, da parte de um dos contendores, a necessaria superioridade para vencer definitivamente o outro.

E tudo para quê? Para que o *Made in Germany* se troque em *Made in England* (tudo se póde transformar em Made in America) e para que a Alsacia-Lorena e outras pequenas nacionalidades sejam livres sob a égide do Direito e da Justiça.

Achamos muito bem. Mas acharíamos muito melhor que se mandasse *cessar fogo* (interinamente pelo menos) e se fosse aos alsacianos e mais aos lorenos e se lhes dissésse: «Ora agora os meus meninos digam lá: querem ser alemães ou francezes?»

Era pelo menos mais pratico e humanitario. A não ser que a esses pobres de Deus nem sequer se lhes confira o direito apregoado para todos os seus congeneres de face da terra, de, livremente, dispôrem dos seus destinos.

E se eles optassem por não ser francezes nem alemães?

Não era má partida, vamos indo...

Saturio Pires

Pelo Parlamento

O assassinato do Rei D. Carlos—O sr. deputado Almeida Garrett requereu «que pela secretaria do Interior seja posto á sua disposição, para consultar, todo o processo de inquisição acerca do assassinato do rei D. Carlos, do principe, seu filho, organizado pelo juizo de instrucção criminal nos annos de 1908, 1909 e 1910, e que deve existir nos arquivos daquelle juizo. A mesa, mandou expedir.

Documentos e papeis politicos—O sr. deputado Rocha Martins requereu á mesa licença para ser todos os documentos e papeis politicos apprendidos em casa do sr. Affonso Costa, do sr. Leote do Rego e do sr. Norton de Matos. Para analisar todo o «dossier» politico que existia na repartição de espionagem, instalada no quartel do Carmo». Foi expedido ao sr. ministro do interior.

Inscrições das irmãsinhas dos Pobres.—O sr. deputado Rocha Martins requereu licença para ver: «Todos os livros e papeis referentes ao rondo das inscrições das irmãsinhas dos Pobres, negociadas no Porto, em nome de D. Maria Barbosa de Magalhães». Foi officiado ao sr. ministro das finanças.

Uma syndicancia.—O ministro da justiça communicou que estava á disposição do sr. deputado Alberto Navarro o original do processo da syndicancia feita á antiga Procuradoria Geral da Coroa e Fazenda, logo após a implantação da Republica, pelo antigo juiz de Relação de Lisboa, sr. Manuel Nunes Garcia. E' um processo muito volumoso.

Livro branco e participação de Portugal na guerra.—Assinado por 24 deputados da maioria, foi enviado para a mesa um pedido para se realizar uma sessão secreta para se tratar da publicação do Livro Branco e participação de Portugal na guerra. O presidente da camara resolveu que a mesa achar para a sua apresentação á votação da camara.

Inquerito e syndicancias desde 1910.—O sr. dr. Annibal Sergio requereu pelas diversas secretarias de Estado copias dos relatorios ou conclusões de todos os inqueritos e sindicancias ordenadas, desde 5 de outubro de 1910, até este dia, em virtude daquelles inqueritos ou sindicancias contra qualquer ministro ou altos funccionarios do regimen monarquico, por crimes comuns praticados no exercicio das suas funcções ou em relação delles, com menção das sentenças proferidas nesses processos.

MONTE-PIO COMMERCIAL E INDUSTRIAL
206, R. Augusta, 214 *54, R. d'Assunção 56*
Emprestimos sobre joias, ouro, prata e papeis de credito. Juro maximo, 5 réis por cada 5 tostões.
Cofres para alugar nas casas fortes

Sena de tiros

Foram levantados dois autos, respectivamente na policia preventiva e de segurança, contra o ex-agente José de Carvalho Grainha e Fernando Paz, o primeiro por ter agredido a tiro, a noite passada, no atrio do governo civil, o agente sr. Julio Cruz, e o segundo por ter provocado o subchefe da preventiva sr. José Duarte Costa.

Deu origem a esta occorrencia o facto do Grainha ter sido expulso da policia preventiva por estar processado na Boa Hora, julgando terem influido na sua expulsão as pessoas visadas.

O sr. Julio Cruz, depois de pensado no posto de soccorros do governo civil, recolheu a sua casa.

TINTURARIA
Cambournac
CASA FUNDADA EM 1846
As tintas para escrever da fabricação d'esta casa, vendem-se em todas as papelarias.
VENDA POR GROSSO
10, Largo da Annunciada, 10
LISBOA

Notas da Arcada

Parece que efectivamente pensam alguns politicos em que sejam mudadas as actuaes côres da bandeira nacional, para as antigas côres azul e branca, assunto que será discutido, segundo nos consta, no Parlamento, não sofrendo a bandeira outra modificação a não ser aquela que indicamos, continuando o escudo e a esfera armilar.

A proposito podemos garantir que em todos os partidos da Republica, até mesmo no democratico, ha bastantes adeptos das côres azul e branca na bandeira.

O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1|2 0|0.

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem amanhã annos as sr.as:

Condessa de Ficalho.
Condessa de Penha Garcia.
D. Ignez Virginia da Costa Pereira Peixoto.
D. Maria Sofia Roboredo de Oliveira.

E os srs.:

Conde da Ponte.
Conselheiro Julio Marques de Vilhena.
D. Antonio de Menezes.
Asconço Ignacio de Siqueira Freire (S. Martinho).
Pedro da Gama Berquó.
Carlos Bressane de Leite Perry.
Duarte de Mendonça e Silva.
Francisco Antonio Palma de Vilhena.
José Tomás Oom.

Casamentos

Está justo o casamento da sr.ª D. Eme Schepper Passio, muito gentil filha da sr.ª D. Mariana Ferreira Schepper Passio e do sr. Adolfo Passio, com o sr. capitão de cavallaria Roque de Aguiar, que acaba de chegar do «front».

O pedido foi feito pelo pai do noivo, sr. tenente-coronel José Ferreira de Aguiar e por sua esposa, devendo a ceremonia realisar-se brevemente.

De jornada

São esperados brevemente no Seixoso os srs. Condes da Louzã.

—Devem chegar, em meiados de agosto proximo, as Caldas da Rainha, onde passam uma temporada, a sr.ª D. Prudencia Reynolds de Souza e suas muito gentis filhas.

—Encontram-se já na sua quinta do Relogio, em Paço d'Arcos, o sr. Antonio Marques de Freitas, sua esposa a sr.ª D. Amelia de Lencastre Marques de Freitas (Louzã).

Encontra-se em Alfife na Quinta das Cabanas o nosso amigo sr. conselheiro Adolfo Pimentel.

—Parte na proxima semana para a senhora D. Julia de Miranda e suas interessantes filhinhas.

—Regressa amanhã á sua casa da Idanha, o sr. José Correia de Sampaio.

Casa da India

(REGISTADA)
49, Rua do Loreto, 51
Acaba de chegar grande variedade de leques modernos recebidos directamente; em seda, pano e papel.
Chá e café.

José Lopes Flores Sobrinho
Telephone 4299

Pitta & C.ª—Camiseiros—
Artigos de novidade
195—197 RUA AUGUSTA—Telef. 1548

Ecos das camaras

Digam lá o que quizerem, e façam tudo o que puderem: o parlamento falliu!

Se não, digam o que se fez até hoje nas duas camaras, de util para o paiz?

No Senado o sr. Machado Santos recitou charadas, nos Deputados o propagandista de Malthus coibiu a sua cabelleira aos seus imcomparaveis pupilos.

Ainda ontem continuou a já celebre homenagem ao Brazil, que na sexta-feira o sr. Egas Moniz teve de interromper para que os republicanos não ficassem em lamentavel situação.

E ainda ontem o sr Egas Moniz teve de ordenar pulhentos e disparatados apartes para que nas galerias o publico não ouvisse certas verdades amargas.

A sessão na Camara dos Deputados foi iniciada por um voto de sentimento á memoria do antigo deputado sr. Rodrigues Nogueira ha poucos dias falecido. Foi o sr. Nunes da Ponte que comunicou á Camara o falecimento deste verdadeiro homem de caracter que nunca se dobrou a conveniencias.

A esta sentida homenagem á memoria de Rodrigues Nogueira, associaram-se os srs. Tamagnini Barboza, secretario do Estado do interior, Egas Moniz, pela minoria centrista, Antonio Cabral pela minoria monarquica, e Pinheiro Torres pela minoria catolica.

O sr. Cunha Leal que pediu a palavra para negocio urgente pretende fazer uma dissertação sobre os azeites. Estes srs. machadistas teem a mania de saberem e quererem resolver tudo, mas a Camara manifestou-se contra a dissertação literaria do sr. Cunha Leal.

O sr. Conselheiro Ayres de Ornelas, leader monarquico, faz o elogio do Brazil, a obra prima da colonisação portuguêsa. O sr. Ayres de Ornelas, invocando Oliveira Lima, reabilita por sua vez a memoria de D. João VI cuja retirada para o Brazil não foi uma fuga como pretendem certos panfletarios, mas um grande acto politico que a não dar-se mostraria uma situação complicadissima.

No final do seu discurso mandou para a mesa o seguinte requerimento:

Por acaso fez o elogio de D. Carlos, tragicamente assassinado pelos correligionarios do sr. Egas Moniz.

No final do seu discurso, a minoria centrista, com o seu maestro á frente, foi cumprimentar o orador.

O sr. Egas Moniz vai oferecer ao sr. Amancio uma cuia artistica.

O sr. Avila Lima volta a falar da homenagem ao Brazil lamentando os incidentes ocorridos.

O sr. Fidelino de Figueiredo, autor de uma sociedade de estudos historicos, fala em nome da seriedade e da sciencia. Diz que como sabio não pode estar ao lado dos ignorantes.

O sr. Egas Moniz não felicitou, por isso, o sr. Figueiredo.

O nosso querido amigo dr. Antonio Sardinha levanta-se e numa brilhante oração defende a politica de D. João VI, e refuta todas as opiniões dos politicos que pretenderam deprimir um rei que não fugiu, que nunca pensou em fugir.

No senado, em segunda leitura, foi admitido e enviado á comissão respectiva o projecto de lei do nosso querido amigo dr. Julio de Melo e Matos sobre o ensino pratico da agricultura.

Presta-se tambem homenagem ao Brazil, e trata-se de senhorios e inquilinos.

Hoje ha sessão nas duas camaras.

Nos termos do regimento que no n.º 4 do seu artigo 4.º preceitua que a camara funcionará em sessão secreta:

N.º Por simples requisição de vinte deputados que, apenas, informarão o presidente do assunto a tratar na sessão secreta: os abaixo assinados, deputados da Nação, requisitam uma sessão secreta:

1.º Para que o governo se manifeste sobre a conveniencia ou inconveniencia da publicação dum Livro Branco com os documentos referentes á nossa entrada na guerra.

2.º Para que o governo defina a nossa situação actual na guerra.

Sala das sessões da Camara dos Deputados, 29 de Julho de 1918.—Aires d'Ornelas, Antonio Cabral, D. João de Castro, José de Azevedo Castello Branco, José Augusto Moreira de Almeida, Alfredo Pimenta, Gaspar de Abreu e Lima, Camillo Castello Branco, Anibal Soares, Antonio Verdial, José de Arrochela, Alfredo Antonio Cunhal Junior, Fr. Rocha Martins, Eduardo Pinto da Cunha, Antonio Hintze Ribeiro, Artur Carvalho da Silva, Antonio Teles de Vasconcellos, Alberto Navarro, Abilio de Campos Monteiro, Fernando Augusto Mourão de Sampaio e Melo, João José de Miranda, Alvaro de Miranda Pinto, de Vasconcelos, Frederico de Bivar Wemolin, José Lobo de Avila Lima, Antonio Duarte da Silva e Antonio Horta Osorio.

O sr. Amancio de Alboim fez um longo discurso em louvor do Brazil. Parece que representa um papel de galã de drama romantico, porque a sua voz tem soluços e as suas mãos engalfinham-se uma na outra, desesperadamente.

Briquetes para cosinha
Vendem-se em Lisboa a 900 réis cada arroba e em todas as localidades servidas pela linha de Cascaes e Cintra a 1$000 réis cada arroba.—Posto no domicilio—Peso garantido—Pedidos á R. Pos solo, 55, telefone 2.427 C.

Em Beirolas
Buscas domiciliarias
A policia auxiliada por forças do exercito procederam esta manhã a buscas domiciliarias nas immediações de Beirolas, para ver se encontravam armamento.
Ao que nos consta, nada de importante foi apprendido até á hora a que escrevemos.

INUNDAÇÕES GRANIZOS E ENXURRADAS
SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra accidente e morte natural, efectiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Lotes 9,1.º. Porto de qual são delegados em Lisboa
V. Cunha & C.ª
R. do Commercio 38, 1.º Tel—306

NECROLOGIA

Por falecimento de seu Irmão, encontra-se de luto o nosso illustre amigo, senhor Policarpo de Azevedo. Sentindo o seu profundo desgosto, a *Monarquia* apresenta-lhe os seus cumprimentos.

Banco Portuguez e Brazileiro
LISBOA
Rua Augusta, 34
Capital Esc..... 5.000.000$00
Fundo de reserva. 1:500.000$00
Depositos á ordem e a prazo em moeda portugueza e estrangeiras. Compra e venda de titulos. Correspondentes do paiz e Estrangeiro.

Teatros e Cinemas

Reclames

Eden

Soirée de Gala

Hoje no Eden, é a primeira «Soirée de Gala» que a empreza resolveu realisar semanalmente visto a predilecção que está manifestando a nossa «elite» pelos brilhantes espectaculos do Eden.

A famosa revista «Trombeta da Fama» anda ali, em pleno exito, fazendo o publico repetir todas as noites, muitos dos seus graciosos numeros, e agradando a graciosidade com que José Ricardo faz, a varias situações, os mais pitorescos comentarios.

Além doutros artistas tem nesta peça, boas criações, em tres papeis, o notavel actor Joaquim Costa, que é, sempre, aplaudidissimo.

Por todos estes motivos a concorrencia hoje no Eden, vae ser das mais numerosas e escolhidas.

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirijida para este jornal a João Telles, afim de ser publicada.

ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21—«Cora ou a escriptura».
S. LUIZ—A's 9 h.—«Generos alimenticios», comedia.
TRINDADE—A's 9,50—«O gato malhez», revista.
GINASIO—A's 9 e 50—«A Morgadinha de Valflor», comedia.
APOLO—A's 9,50—A famosa revista «A volta».
POLITEAMA—A's 9,30—«Salada russa», revista.
AVENIDA—A's 9,50—«O homem de gelo», comedia.
EDEN—A's 21,30—«Trombeta da Fama».
SALÃO FOZ—A's 9—Animatografo e variedades.
SALÃO DOS ANJOS.—A's 9,20—A revista «Cascas».

Animatografos

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.
Olimpia—Animatografo e concerto—Matinées todos os dias.
Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.
Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» as quinta-feiras.
Cine-Parisiense—Animatografo das 5.ª, 6.ª, sabados e domingos.
Cinema Colossal, Colisco de Lisboa—Animatografo e variedades.
Salão da Trindade—Animatografo e concerto.
Salão Lisboa, á Graça—Animatografo.
Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.
Chantecler—Todas as noites fitas falladas.

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de animaes.

Banco Português e Brasileiro
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital 3.000:000$ Esc. Reservas Esc. 1.295.000$00

A partir de 1 de agosto p. f. está a pagamento em Lisboa na séde do Banco todos os dias uteis, das 12 ás 14 horas, excepto aos sabados, e no Porto no escriptorio dos srs. H. Kendall & C.ª, rua de Infante D. Henrique, o dividendo do 1.º semestre de 1918 de 6 0|0 ou sejam exc. 4$80, por acção.

Na mesma ocasião proceder-se-á á troca dos recibos pelos titulos definitivos.

Lisboa, 29 de Julho de 1918.

Pelo Banco Portuguez e Brasileiro.
Os directores
João Pires Correia
Jaime Roque de Pinho

A agua de mesa de Valle de Cavallos
é a mais digestiva e a mais leve

LACTOSSINA
—Especifico das tosses—
Usa-se com exito seguro contra as **bronchites**, *e sempre que se apresente o symptoma* **tosse**. *— Nas* **constipações grippe**, *etc. deve tomar-se, á noite, na cama uma colher de* **LATOSSINA** *em uma chicara de leite bem quente.*
Pharmacia FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO
LISBOA

«A MONARQUIA»
TELEPHONE 1035
ASSIGNATURAS
Preço de assignaturas—Pagamento adeantado.
Em harmonia com o Decreto de 19 de Janeiro de 1918.

	Trim.	Sem.	Ano
Portugal, colonias e Hespanha....	1$500	3$000	6$000
União Postal	—	5$000	10$000
Brazil	—	5$700	11$400

Avulso em todo o paiz: 20 réis

PUBLICIDADE

1.ª pagina, linha.....		1$000 réis
2.ª » »		400 »
3.ª » »		200 »
4.ª » »		100 »

Contratos a longo prazo. Preços convencionaes.
A medição de annuncios e communicados é feita pelo linometro de corpo 6.